



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



Fotografando Invisibilidades: Mulheres, Rua e Amor Entre Mulheres¹

Nefertiti Páe Beckman²
Faculdade Cásper Líbero

Resumo

Este trabalho analisa como mulheres fotógrafas que atuam na rua constroem narrativas visuais que desafiam olhares masculinos tradicionais e evidenciam afetos historicamente invisibilizados, especialmente relações entre mulheres. A partir de Elkin, Pollock e Kossoy, são examinadas práticas de flânerie feminina, escolhas estéticas e a produção de memórias urbanas que afirmam presença, resistência e novas formas de existir na cidade.

Palavras-chave: flâneur; fotografia urbana; olhar feminino; memória visual.

Introdução

Desde o surgimento da fotografia moderna, a produção e circulação de imagens referentes ao ambiente urbano esteve fortemente marcada por olhares masculinos. O fotógrafo-flâneur, consolidou-se como um observador do cotidiano das grandes cidades, autor de registros que definiram a estética da modernidade urbana e as formas de representação da cidade. Por outro lado, como destaca Lauren Elkin (2016), a experiência feminina na cidade sempre esteve atravessada por restrições e desafios específicos: ocupar o espaço público significava negociar visibilidade, autonomia e segurança. Nesse contexto, a atuação de mulheres como fotógrafas de

¹ Trabalho apresentado no GT 1: “Fotografia documental”.

² Graduanda de Jornalismo da FCL, e-mail: nefertitipae06@gmail.com

rua representa um deslocamento crítico no campo visual, ao transformar a figura feminina de objeto a sujeito do olhar, e, concomitantemente, promover novos modos de ver, registrar e existir.

A prática da flânerie feminina não se limita ao ato de caminhar, mas configura-se como uma estratégia política e estética, permitindo que mulheres fotógrafas documentem o cotidiano nos centros urbanos e, ao mesmo tempo, promovam uma reivindicação de sua presença social. O estudo aqui apresentado, pretende analisar como essas figuras femininas que atuam no campo fotográfico produziram imagens que representam afetos historicamente invisibilizados, com destaque para as relações homoafetivas entre mulheres. Griselda Pollock (1988) reforça a importância do olhar feminino na arte como forma de produzir narrativas que desafiam a hegemonia masculina dominante, enquanto Boris Kossoy (2002) fornece instrumentos para compreender a fotografia como uma trama tensionada entre realidade e ficção, entre registro documental e construção de memórias. Assim, a fotografia de rua feminina revela-se como um aparato de resistência simbólica, lembranças e reconstrução histórica.

Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo central analisar como fotógrafas que capturam o espaço urbano representaram relações homoafetivas femininas, gerando memórias visuais alternativas, as quais questionam o pensamento hegemônico e resgatam vivências deixadas historicamente à margem. Nesse sentido, pretende-se investigar a flânerie feminina e compreender como o ato de caminhar sem destino enquanto fotografa a cidade constitui uma prática estética e político-social. Além disso, o estudo procura examinar o olhar feminino segundo Pollock (1988), para compreender como a posição social da fotógrafa interfere no processo e resultado do registro visual, construindo narrativas que evidenciam o cotidiano, a intimidade e o afeto entre figuras femininas. Outro objetivo relevante é explorar como a memória é gerada, de acordo com Kossoy (2002), entendendo como a fotografia é dotada de um caráter dual: como registro histórico e produtora de realidades despercebidas. O trabalho também propõe abordar a articulação entre estética e ética no que tange a análise de estratégias visuais, como composição, enquadramento, luz e proximidade, reforçando a dimensão política da visibilidade, ao preservar a troca afetiva. E, por fim, contribuir para os

estudos da área a partir do resgate de práticas capazes de reconfigurar tanto a história da arte como a comunicação visual urbana.

Metodologia

O trabalho possui como fundamento uma abordagem qualitativa e histórica, combinando revisão bibliográfica e observação de fotografias com temática urbana produzidas por mulheres. O recorte temporal selecionado engloba imagens produzidas entre as décadas de 1970 e 1990, período marcado por uma forte ocupação feminina nos espaços urbanos e pela ampliação da existência de práticas fotográficas independentes. O corpus dos elementos imagéticos foi escolhido com base em critérios de representatividade de gênero, viés afetivo e contexto urbano, optando como prioridade imagens que documentam relações homoafetivas femininas e os desdobramentos da *flâneuse* - o qual se refere ao ato de *flanar* realizado por mulheres. O exame visual considera aspectos estéticos, bem como contextuais e simbólicos, que implicam escolhas conscientes por parte da fotógrafa ao registrar a intimidade e o cotidiano.

No campo teórico, o estudo se debruça sobre três eixos principais. O primeiro diz respeito a *flâneuse*, segundo Elkin (2016), compreendida como prática de observação e apropriação do campo urbano, atuando como um espelho de desafios e liberdades inerentes à experiência feminina. O segundo, conforme Pollock (1988), aborda o olhar feminino na arte ao aprofundar-se em como o gênero influencia a maneira de perceber, registrar e narrar visualmente. O último eixo trata da memória e do processo de construção do real, a partir de Kossoy (2002), possibilitando compreender o fazer fotográfico como documento e, de forma simultânea, construtor simbólico de experiências invisibilizadas, capaz de evidenciar situações e afetos que permaneceriam ocultos sem a intervenção das fotógrafas.

Resultados

A análise das fotografias demonstra que a *flânerie* feminina estabelece um gesto duplamente subversivo: a mulher percorre a cidade e, ao mesmo tempo, reivindica presença, visibilidade e autoria sobre o espaço urbano. Em contraste ao *flâneur*

masculino, cuja observação se caracteriza pelo distanciamento, a flâneuse articula presença física, subjetividade e empatia na representação do cotidiano (Elkin, 2016).

O registro de vínculos homoafetivos entre mulheres revela como a figura feminina, enquanto sujeito do olhar, transforma a cidade em território de memória e resistência simbólica. Pollock (1988) argumenta que o olhar das mulheres produz narrativas alternativas que desafiam a invisibilidade histórica imposta. Nesse sentido, as imagens analisadas não apenas documentam as ligações entre os indivíduos, mas conferem-lhes legitimidade e visibilidade social. A escolha do enquadramento, luz e contexto demonstra sensibilidade ética, preservando a intimidade das personagens enquanto reafirma sua presença significativa. Kossoy (2002) põe em foco que toda fotografia sofre uma tensão entre realidade e ficção, constituindo-se como trama de experiências selecionadas e interpretadas. As imagens produzidas por mulheres fotógrafas de rua exemplificam essa tese: elas capturam fragmentos do ordinário e arquivam memória histórica, desenvolvendo relatos visuais que permeiam diferentes trajetórias e modos de existir.

Essas práticas visuais revelam uma dupla operação: a construção da mulher enquanto sujeito da imagem e a consolidação de um olhar que reivindica a cidade como área de liberdade e pertencimento. O trânsito dessas fotografias pelas ruas, carregadas por câmeras, olhares e vivências próprias, configura-se como gesto de resistência e reconstrução da história da fotografia, propondo uma nova leitura da modernidade urbana a partir de uma ótica feminina.

Conclusão

A fotografia de rua realizada por mulheres se define como prática histórica, estética e política, capaz de redesenhar vivências despercebidas, registrar demonstrações de afeto por muito tempo marginalizadas e inserir novos significados para o espaço urbano. Ao retratar relações homoafetivas femininas, as fotógrafas expandem o leque referente a trajetória do fazer fotográfico, introduzindo narrativas sensíveis que comunicam memória e resistência. A articulação entre flânerie urbana (Elkin, 2016), olhar feminino (Pollock, 1988) e Kossoy (2002) auxilia no rompimento da lógica da

fotografia apenas como testemunho, colocando-a como um objeto construtor de histórias ao trazer luz para diversos corpos, antes ocultos, no cotidiano das cidades. Esse estudo, portanto, contribui para o reconhecimento de fotografias que retratam a cidade como organismo e que, a partir dela, reafirmam a importância da memória visual e da documentação de novas realidades.

Referências

ELKIN, Lauren. **Flâneuse: Women Walk the City in Paris, New York, Tokyo, Venice and London**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2016.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

POLLOCK, Griselda. **Vision and Difference: Feminism, Femininity and Histories of Art**. London: Routledge, 1988.